VISÃO DE INVERNO

Foto MANUEL DE OLIVEIRA

Mapa em relêvo

Foto: DR. MARTINS BAR

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

N.º 57

SUMÁRIO

ANO NOVO

(ORNAMENTOS QUE SE TÊM OBSERVADO NA EVOLUÇÃO DA BANDEIRA PORTUGUESA)

CONHECE?

NOTICIAS DA M. P. F.

LEITURAS

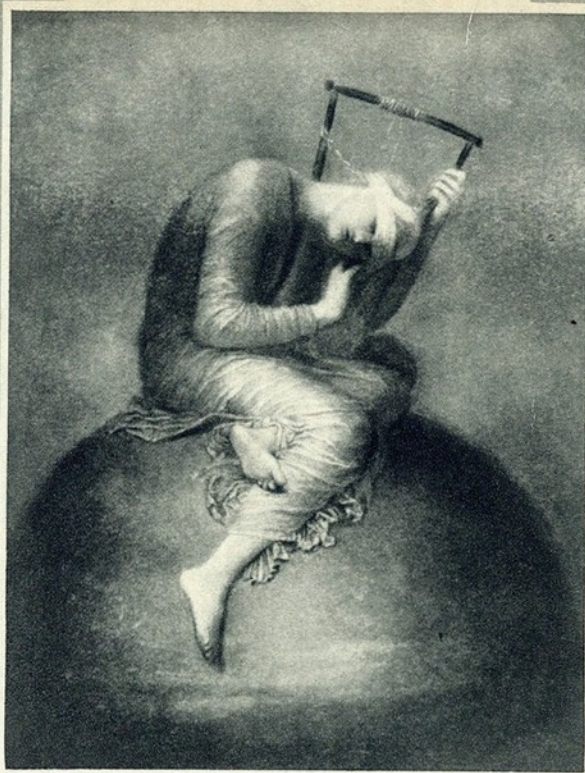
GUIDA, RAPARIGA DE HOJE

A MINHA CAIXA DE COSTURA

AS W. A. C. S.

PARA LER AO SERÃO
(Uma família portuguesa e Maria vai casar)

COLABORAÇAO DAS FILIADAS

ANO NOVO

G. F. Watts, pintor inglês do século XIX, deixou um quadro em que a *Esperança* é figurada por uma mulher, sentada sôbre o mundo, de olhos vendados e dedilhando uma lira.

Parece-me que êste quadro traduz admiràvelmente o sentir da humanidade no limiar do ano de 1944.

Sôbre o mundo em guerra paira a Esperança — *uma Esperança de olhos vendados* — quem pode advinhar o futuro?! Mas a música da sua divina canção é inspirada na paz!

Quem haverá por êsse mundo fora, nos países ocupados, ou naqueles onde se travam batalhas sangrentas, ou onde se teme a entrada no conflito, ou se sofrem as dificuldades resultantes da guerra, quem haverá que neste começo de ano não levante para o céu uma prece que *espera* a paz?

A *paz* é a grande esperança de 1944. Todos a desejamos e devemos pedir.

Mas não é só a paz entre as nações que havemos de pedir e esperar; é também a paz do reino de Deus na nossa própria alma.

Um ano novo traz sempre consigo a esperança. Qae esta esperança ponha na nossa alma a disposição de *crer* que o novo ano será para nós melhor do que foi aquele que findou.

Melhor, porque mais direito o caminho que seguimos; *melhor*, porque mais larga a parte de Deus na nossa vida; *melhor*, porque mais forte o nosso desejo de sermos boas.

Aristote definiu a esperança «O sonho dum homem acordado».

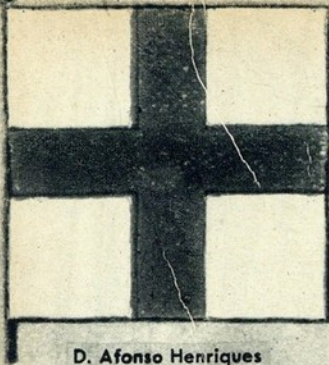
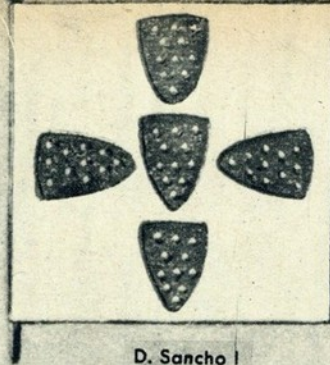
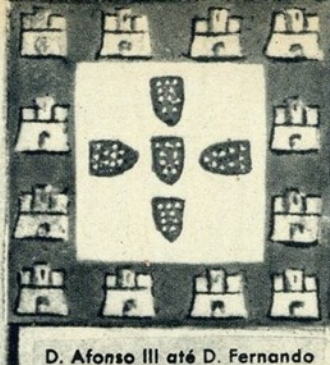
Vamos, então, sonhar um lindo sonho para 1944: Esperar que a paz seque as lágrimas que correm em rios pelo mundo... Esperar que a paz permaneça na nossa consciência sem remorsos, no nosso coração sem paixões desordenadas, na nossa vida inteiramente orientada para Deus.

Vamos sonhar o sonho lindo duma alma que sobe, duma vida que faz render os talentos recebidos, duma bondade que irradia amor...

E a nossa esperança, *que deve ter motivos sobrenaturais*, terá o merecimento da virtude e a sua recompensa eterna.

Humanizar a esperança é cortar-lhe as asas! As asas da esperança são a fé na bondade de Deus e no seu poder. Asas que têm fôrças para levantar o pêso da nossa miséria e até o próprio mundo! Mas essas asas ficarão imóveis se as não movermos com a oração e a vontade: a nossa cooperação dada à graça.

Vamos, então, sonhar um lindo sonho para 1944: a paz para o mundo e a santidade para cada uma de nós...

Maria Joana Mendes Leal

D. Afonso Henriques

D. Sancho I

D. Afonso III até D. Fernando

ORNAMENTOS QUE SE TÊM OBSERVADO NA EVOLUÇÃO DA BANDEIRA PORTUGUESA

Bandeira — *Quadrada, simboliza realeza ou alto comando.*

Quina — *Cinco (5) escudetes de azul, carregados de 5 besantes de prata das armas nacionais (lembrança dos dedos).*

Besantes — *Pequenos círculos ou peças usadas nos escudetes das bandeiras (simbolizam as peças mais apreciadas em armaria): Primitivamente eram moedas de ouro ou prata a simbolizarem o direito de cunhar moeda, (dinheiro). Significam na Bandeira os 30 dinheiros por que Judas vendeu Cristo.*

Castelos — *Rematados por três tôrres, a do centro mais alta.*

Corôa — *Símbolo da soberania ou nobreza.*

Pala — *Barra ou faixa lançada de alto a fundo.*

Tralha — *Cabo entrançado que guarnece a orla do pano da bandeira junto à haste.*

As cinco (5) quinas significam, segundo uns, as feridas que D. Afonso Henriques recebeu na batalha de Ourique; segundo outros, as 5 Chagas de Cristo, pois segundo a tradição, Jesus apareceu crucificado, durante esta batalha, ao nosso primeiro rei. Outros dizem que se referem aos cinco reis mouros desbaratados nesta mesma batalha.

BANDEIRA DA FUNDAÇÃO

(1128-1185)

Branca com cruz aspa azul D. Afonso Henriques reformou-a, adaptando como armas, 5 escudos dispostos em cruz tendo cada um 30 dinheiros.

D. SANCHO I

(1185-1211)

Bandeira branca, escudetes azuis e onze besantes em prata.

D. AFONSO III

(1248-1279)

Êste rei acrescentou uma bordadura vermelha e 8 (depois 9) castelos por causa do seu casamento com Beatriz de Castela.

Influência da conquista do Algarve — entre 1383 e 1385 — o número de castelos passou a ser de 12 e o número de besantes passaram de 10 a 15.

D. JOÃO I

(1385-1433)

Adicionou a Cruz de Aviz da qual se vêem as pontas floreadas (em verde) sôbre a qual colocou as quinas. O número de castelos, porém não era constante, dependia por vezes do capricho dos debuxadores.

Em 1485 D. João II mandou tirar as 4 pontas da cruz de Aviz e pôs os 5 escudetes das quinas todos a direito e reduziu a 7 o número de castelos da orla.

D. MANUEL I

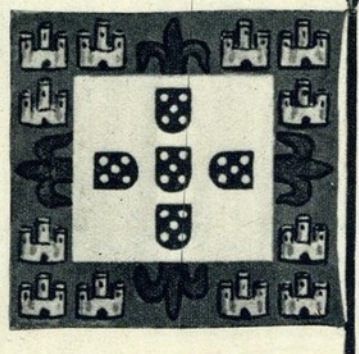
(1495-1521)

Bandeira branca com o escudo nacional ao centro, tendo sobreposta a coroa real. Tinha 8 castelos na bordadura, por vezes menos.

Os navios mandados às descobertas usavam a bandeira de Cristo.

D. JOÃO VI

(1816-1826)

Pela união do Brasil que tinha por armas uma esfera armilar de ouro em campo azul, foi o escudo português inscrito na mesma esfera com uma corôa sobreposta.

Após a independência do Brasil desaparece novamente a esfera armilar.

D. João I

D. PEDRO IV

(1826)

A bandeira deixa de ser branca, é bipartida (metade branca e a outra azul) ficando o azul para o lado da haste, e as armas reais ao centro, metade sôbre cada côr. A parte azul tem um têrço do comprimento da bandeira, no decreto da marinha; e é parte igual no decreto da Repartição da Guerra.

«IMPLANTAÇÃO DA RÈPÚBLICA»

(5-10-1910)

Bandeira bipartida verticalmente em duas côres: verde escuro e escarlate, ficando o verde do lado da tralha. Ao centro e sôbre a união das duas côres o escudo das armas nacionais, orlado de branco e a sentando sôbre a esfera armilar manuelina, em amarelo avivado a negro.

O comprimento é: 1 vez e meia a altura da tralha. O verde ocupo 2/5 da comprimento total, o emblema central ocupa 2/3 da altura da tralha, não ficando equidistante das orlas: superior ou inferior.

A esfera armilar é o padrão do nosso génio aventureiro,

A côr verde é a esperança no porvir.

O vermelho é a vitalidade, o heroísmo, a energia, o sangue ardente, a vitória do povo lusitano.

Escudo branco com quinas azuis, símbolo lendário e tradicional que consagra e representa a tenacidade da iniciação lusitana.

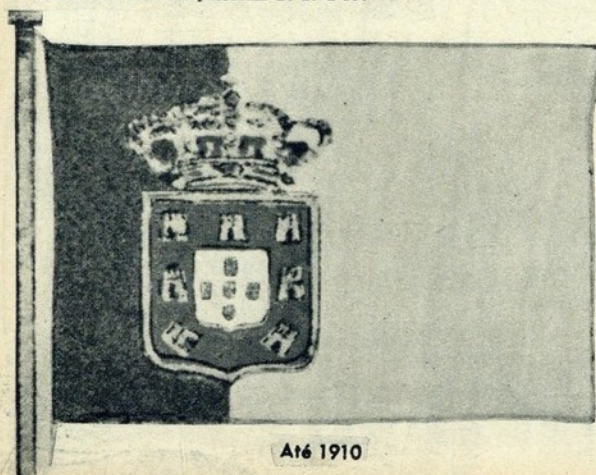
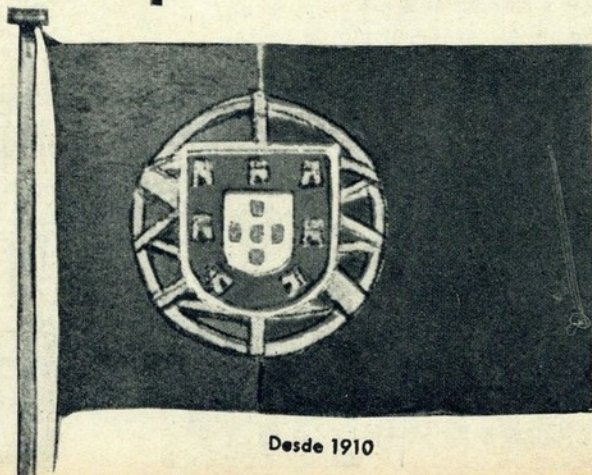
Quinas — Símbolo tradicional de independência e fôrça.

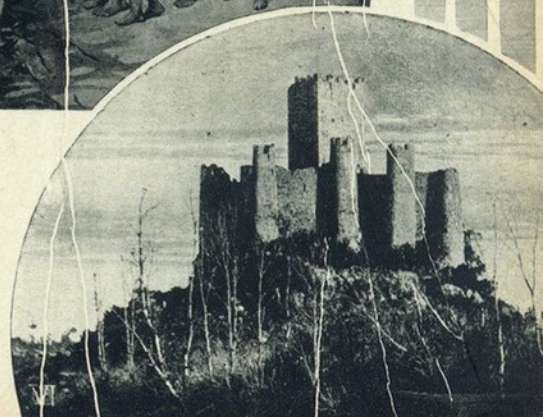
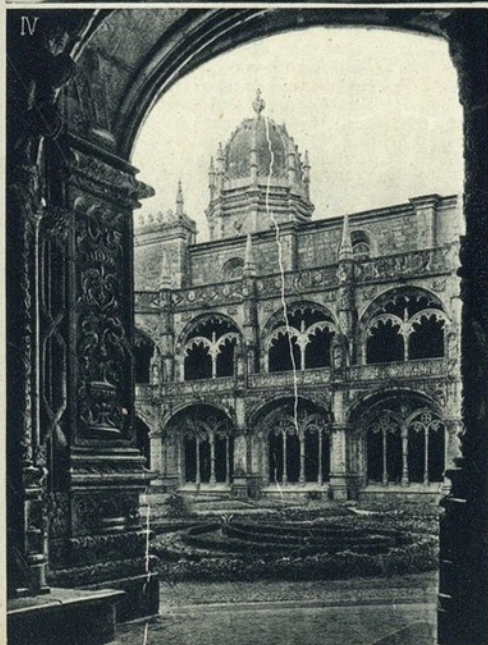
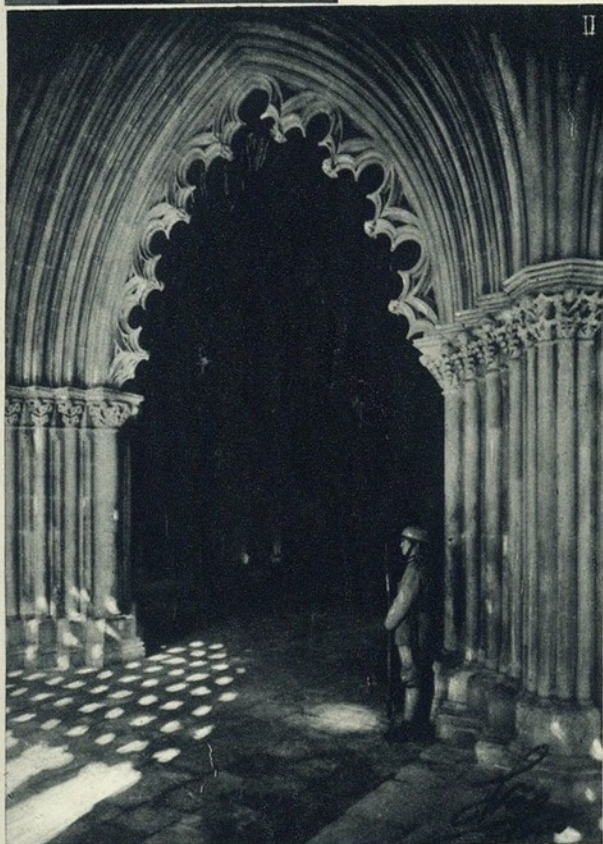
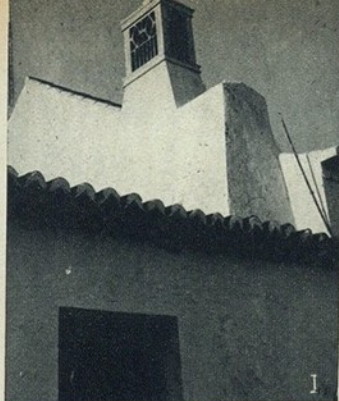
A orla dos Jaques (pavilhão usado na marinha) é verde e de largura igual a 1/5 da tralha. Flâmulas verdes e vermelhas.

«Tôda a bandeira será incomparàvelmente bela só pela glória imortal de uma tal Pátria cobrir.

Alexandre Braga

Olímpio de Melo

Capitão

Até 1910

Desde 1910

Conhece?

I — De que província portuguesa é esta chaminé?

II — Porque se encontra êste soldado aqui de sentinela?

III — Quem foi o artista que modelou esta encantadora cabeça de criança?

IV — Que monumento é êste?

V — Em que romance português se passa esta deliciosa cena rural?

VI — Que castelo é êste?

(Vêr respostas na página 16)

NOTICIAS DA M. P. F.

Grupo tirado no Senhor dos Martires

Senhor dos Martires — Rodas e brincadeiras

No campo florido

O regresso, de Trem

Breve Relatório da Actividade da Mocidade Portuguesa Feminina na Ala de Alcácer do Sal, desde o seu início

Foi no ano de 1940 — o Ano das Comemorações Nocionais do Centenário — que a Mocidade Portuguesa Feminina fêz a sua apresentação. Modesta, dirigida com a simplicidade que caracteriza as dirigentes desta Ala, mas com Fé e um grande desejo de vencer que nos leva a desprezar tôdas as criticas e desdens, temos orientado e vivido dentro das ordens emanadas do Comissariado que, até aqui, sempre fizemos por bem cumprir.

Não temos esquecido qualquer comemoração que o são patriotismo nos faz viver, nem prece ou dever que nos possa aproximar cada vez mais dos mandamentos da doutrina cristã.

Às nossas filiadas foi oferecido um almôço e feita a imposição d(s primeiros emblemas, depois da bênção à bandeira da Organização e, Graça de Deus, nessa altura a verba em caixa era de 200$00! Houve, porém, almas boas, e um principal benemérito, que, ajudando-nos — digamo-le sem receio — nos ampararam moral e monetàriamente; e a M. P. F. começou a viver aos olhos dos Alcacerenses, em 4 de Junho de 1940.

A data do «Primeiro de Dezembro» tem sido comemorada com missa, Comunhão, almôço a 50 pobres e vestuário aos mesmos. As filiadas e suas dirigentes teem assistido às sessões que nessa data se efectuam.

Algumas fardas se têm dado e outras há arquivadas para as filiadas mais pobres, sendo feita a Desobriga com a mesma orientação de um para os outros anos.

Também o «Dia da Mãe» não tem sido descurado. Sempre com entusiasmo, as nossas filiadas dão o melhor do seu esfôrço para levar alegria e confôrto aos lares menos protegidos. Até agora, já foram entregues oito berços e respectivos enxovais, bem como grande número de peças de vestuário, o que neste meio, alguma coisa é.

Temos realizado na Sub-Delegacia, anualmente, uma exposição de trabalhos, e embora as filiadas sejam muito novinhas (quasi tôdas de ensino primàrio), um trabalho houve já que, expôsto no IV Salão de Educação Estética, obteve o prémio de 100$00 e diploma para o Centro respectivo.

Para encerramento de aulas e imposição de insignias às filiadas aprovadas para chefes de quina, realisámos, no dia 6 de Junho, uma festa que decorreu no meio do maior entusiasmo, tendo a registar a conferência da Excelentíssima Senhora Dona Maria Joana Mendes Leal, digníssima directora da Propaganda e Publicidade da M. P. F. que dando-nos a honra da sua presença, brilhantemente falou àcerca da nossa Organização, prendendo a assistência com a eloqüência da sua palavra.

Resultou digno de louvor a harmonia e firme andamento de alguns números do órfeão, a subtileza com que foi dançada a valsa «Sôbre o Tejo» e o côro falado «Mocidade — ouve a História», que, no desenrolar de figuras históricas, tendo a animá-lo alguns quadros vivos, nos trouxe à nossa alma de cristãos e Portugueses convictos, o desejo de que as nossas filiadas façam por compreender, imitando, a dignidade heroica dos nossos antepassados.

Mal ficaria que ao terminar êste breve relato de 3 anos na M. P. F., não mencionasse também a digníssima Câmara Municipal da nossa terra, que subsidiou a nossa Ala com 1.000$00 em 1941, 1.200$00 em 1942 e em 1943 com 1.700$00.

Lembra-me mencionar ainda, o passeio ao campo no dia 12 de Junho, durante o qual as nossas filiadas, cheias de alegria, deram as suas últimas aulas de Moral e Formação Nacionalista — formando projectos para um novo ano de actividades.

A Sub-Delegada Regional da Ala de Alcácer do Sal.

LOUVOR

Ex.ma Sr.a Comissària Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.a Ex.a, quanto êste Comando Distrital considera digno de louvor a maneira dedicada como as Graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina abaixo designadas desempenharam os serviços de transmissões nos exercícios da D. C. T. que a Legião Portuguesa realizou nos dias 3, 10, 17 e 24 de Outubro findo, revelando-se umas auxiliares competentes, disciplinadas e muito cumpridoras dos seus deveres:

NO 1.º TURNO

Maria Lúcia Gaspar Cordeiro
Maria Virginia F. Gomes
Eduarda Albuquerque
Maria Fernanda Lopes
Maria Fernanda Rodrigues de Sousa
Maria Odete Rodrigues de Sousa
Maria Adelaide Paiva Alves
Maria Alice Andrade Santos
Maria Aurora dos Santos
Maria Idália Gomes Correia
Maria Estrêla Monteiro
Maria Gabriela Tomé
Vitória de Jesus Rocha
Lina da Conceição Martins
Antera Pedrosa Seabra
Maria do Rosário Machado

NO 2.º TURNO

Maria Luisa Granado Amaral
Maria Helena Portugal da Silveira
Leonor Duarte Henriques
Estela Massano de Amorim
Maria Helena Oliveira e Sousa
Maria Amàlia Valente
Maria Vitòria Gouveia
Maria Helena Pressler
Maria Luisa Gomes dos Santos
Maria Lúcia Camacho de Brito
Maria Leonor Branco
Maria Manuela Pais
Maria Paulo Ribeiro
Maria de Lourdes Polainas
Mariana Casal

A Bem da Nação

Lisboa, 5 de Novembro de 1943.
«XVIII ano da R. N. e VII da L. P.»

O COMANDANTE DISTRITAL
a) José Mousinho de Albuquerque
Coronel de Cavalaria

OS 3 GÉMEOS de S. Martinho de Dume

Recebemos da Ex.ma Delegada Poovincial de Braga a seguinte noticia sôbre os 3 gémeos de S. Martinho de Dume a quem as filiadas de Braga têm prestado um auxilio digno de ser conhecido.

«Aos oito dias do seu nascimento, e acompanhado por mim, foi um grupo de filiadas visitar os três gémeos, levando-lhes enxovais e berços. Como a mãi não tivesse leite, foi ainda auxiliada pelas pequenas para poder alimentar com leite de vaca os seus três filhos. Mas, a-pesar-da boa vontade das raparigas, tudo lhes era por tal modo insuficiente, que as crianças começaram a atrofiar-se, e êste verão, já com cêrca de três anos e meio, pois nasceram em Março de 1940, não andavam nem falavam. Penalisadas com esta situação, as filiadas combinaram entre si fazer uma subscrição através dos jornais locais «Diário do Minho» e «Correio do Minho» que com tòda a simpatia acolheram a idèia, angariando a some quàsi necessária para uma estadia de cincoenta dias na Póvoa de Varzim. Aí lucraram imenso, pois todos voltaram já a andar. Lá, foram entregues aos carinhos da Ex.ma Sr.a D. Maria Helena de Bourbon Lindoso, Dig.ma Sub-Delegada Regional na Póvoa de Varzim, que por êles muito se interessou. Depois de eu lhes conseguir casa gratuita e com tôdas as condições higiénicas, graças à generosidade da Ex.ma Senhora D. Irene Gomes, a Sub-Delegada arranjou-lhes leite do Lactário, médico, enfermagem etc...

Um dêles, dado o seu estado de enfraquecimen'o e entregue aos cuidados do Ex.mo Senhor Dr. Pontes, fez uma série de raios ultra-violetas e por isso não ficou atrás dos outros, regressando a Braga, como os irmãozitos, a andar com relativo desembaraço.

Conseguiu ainda a Sub-Delegada da Póvoa, entre as suas filiadas, uma subscrição que rendeu bastante para suprir a verba que lhes faltava para a alimentação, da mãe e de mais dois irmãos, também infesados e raquiticos, durante a sua permanência na praia. E ainda dois dos mais velhos ficaram no seu paupérrimo casebre em S. Martinho de Dume a cuidarem do pai.

Não posso deixar de anotar, que tanto o Govêrno Civil como a Junta de Província do Minho e ainda a M. P. auxiliaram também êste ano com os seus donativos os três gémeos e como... os últimos são os primeiros, não deixou de, do seu bolso particular, vir com o seu generoso óbulo a nossa Digníssima Comissária Nacional. Isto sensibilizou muito as filiadas pelo nobilíssimo exemplo dado por Áquela que tam superiormente dirige os destinos da M. P. F.

Deus queira que esta noticia, conjuntamente com a fotografia a publicar no Boletim, animem os nossos Governantes a inclinarem-se sôbre êste caso tam digno de ser olhado com carinho e interêsse. A vida dêste casal, com 7 filhos, é impressionante, não só pela miséria que atravessam como também pelo amor com que cuidam dos seus filhos, especialmente dos três últimos, não se poupando a sacrifícios, o que prova terem conseguido criá-los a todos até hoje, com uma única ajuda; a M. P. F. de Braga!

Por último, aí vão os nomes dos três gémeos:

José Augusto
José do Egito
José António

Maria da Cunha Matos

NOTA — Na minha ida a Braga, por ocasião da «Semana da Mãe», tive ocasião de ver os três gémeos, que apareceram no Teatro Circo onde se realizou a sessão solene da M. P. F. A sua presença provocou uma manifestação de simpatia que se exteriorizou em palmas vibrantes e prolongadas. Verifiquei também o carinho que as filiadas da M. P. F. lhes dispensam.

De abraço em abraço, passaram finalmente do colo das filiadas para os braços dos pais... e lá voltaram para o buraquinho da sua casa, em S. Martinho de Dume.

M. J. M. L.

Os 3 gemeos de S. Martinho de Dume

Centro Missionário da M. P. F.

Há muito nêste colégio se trabalha pelas missões, porém a criação dum Centro organizado, dentro das grandes instituições da Juventude e da M. P. F., só agora foi criado.

Para que as filiadas externas pudessem assistir ao acto inaugural, visto ser dia Santo o dia de S. José, foi a inauguração antecipada, realizando-se na quinta-feira, 18 de Março, ao recreio do jantar.

Cada classe tinha já marcados os seus lugares no grande claustro, colocando-se aos lados do quadro de Nossa Senhora das Missões as alunas escolhidas para desempenharem ofícios no Centro, e alunas uniformizadas representando a J. E. C. F. e M. P. F.

A' chegada da R. M. Superiora a Mestra Geral cantou-se o hino da M. P. F., seguindo-se o discurso de abertura.

Logo após, a R. M. Superiora, em nome do Colégio ofereceu ao Novo Centro Missionário Colonizador, como prova de estima e carinho, 40$00 para 4 afilhadinhos do mesmo colégio.

Tão airoso gesto foi repetido por uma Jécista e uma Filiada da M. P. F. em nome das respectivas instituições, assim como por algumas alunas que individualmente ou em conjunto de classes o quiseram imitar.

Seguiu-se a entrega dos diversos ofícios como segue:

Tesoureira — Maria Antónia Faria de Carvalho.

Secretária — Maria do Rosário Ogando.

Correspondente — Maria Emília Chambel.

A' Correspondente pertencem as relações do Centro com as diversas congregações missionárias.

Leitora — Otília Mota Capitão.

A' Leitora compete distribuir pelas companheiras leituras missionárias e contar o número de horas semanais dessas leituras que se realizam no Colégio.

Quinquilheira — Adalgisa Alves.

A' Quinquilheira se entregam sêlos, pratas, contas, búsios, missangas, estampas, forros de envelopes, etc., etc., que ela com as suas companheiras transforma em terços, colares, quadros piedosos que fazem os encantos dos pretinhos.

Farrapeira — Maria Vicência Pereira.

A Farrapeira recebe farrapos, verdadeiros farrapos, às vezes de 8 cm. a 10 cm por 6 cm., junta-os segundo as côres e conforme os tamanhos, e dentro em breve saem das suas mãos vestidinhos de criança mais ou menos gentis, mais ou menos graciosos, mas todos óptimos para cobrir os nús e alguns verdadeiros exercícios de paciência, pois apresentam 60 a 80 retalhos.

Palmas, aplausos, acolhiam cada novo ofício.

E aí está a forma prática como desejamos e queremos auxiliar as nossas colónias, esperando assim concorrer também com a nossa cota parte para a dilatação da Fé e do Império.

M.a José M. Caldeira de Castel-Branco
Colégio Nossa Senhora do Carmo — Centro n.º 4 — Évora

LEITURAS

EXISTEM livros sem conto... Ninguém teria tempo nem paciência para os ler todos. Além disso, alguns, são como certos frascos de veneno marcados com uma caveira: existe nêles perigo de morte!

Não podendo ler todos os livros e não convindo também lê-los todos, devemos aprender a escolher as nossas leituras.

Para que se lê um livro? Para adquirirmos conhecimentos, para formarmos a nossa alma ou para nos distrairmos.

Livros de cultura

Estão, neste caso, os livros de estudo e tantos outros que podem aumentar a nossa cultura intelectual.

O meio normal de aprender, é ler.

Não nascemos ensinados, costuma dizer-se. Por mais inteligência e talento que Deus nos tenha prodigalizado, o nosso saber terá de ser adquirido na colheita que fizermos no saber dos outros, embora, depois, nos seja dado acrescentar também a nossa parte pessoal de luz e de idéias, de observação e de realizações práticas, ao capital dessa riqueza que outros nos deixaram.

Se queremos, pois, ser o que se chama uma pessoa ilustrada, devemos gostar de ler, mas é necessário saber escolher com critério as nossas leituras.

Não se trata de adquirir conhecimentos à tôa, que poderão ser completamente inúteis para nós.

Uma cultura geral interessa a todos e devemos procurar adquiri-la. Mas certas especialisações científicas só interessam aos profissionais.

Durante o tempo dos estudos devemos procurar alargar os nossos conhecimentos dentro das matérias do programa.

É útil consultar outros livros além dos compêndios das aulas; sôbre o mesmo assunto cada um nos trará qualquer coisa de novo e aproveitável.

Acabados os estudos — sobretudo se não seguimos uma profissão — a maior parte da matéria trabalhada na Escola deixa de nos interessar.

Que nos importará, a quási tôdas nós, mais tarde, a matemática ou o latim?!

Mas existem tantos sectores da vida intelectual em que poderemos com proveito e gôsto aprofundar os nossos conhecimentos!

Que largo campo o da história, o da arte, o da religião, etc! E que empolgante interêsse não têm para nós todos as manifestações da actividade, do pensamento e do coração humano!

Mas estas leituras, feitas com a intenção de adquirir conhecimentos, não devem ser feitas «como quem faz tricot», no dizer espirituoso de alguém.

Livros de formação

Tôda a luz vem de Deus. A inteligência é como um aparelho receptor; mas assim como há aparelhos que apanham melhor as ondas e transmitem o som com mais perfeição, existem almas mais ou menos sensíveis à graça e que melhor ou pior sabem retransmitir o que receberam.

Os livros que podem ter influência sôbre o nosso espírito devem ser escolhidos com infinitos cuidados.

Nem todos os livros espirituais nos convêm; nem todos os tratados ascéticos se adaptam bem à nossa personalidade.

Sem dúvida, a verdade é só uma: mas, na sua pureza, só o Evangelho a contém. Os outros livros já são criações humanas. E, dentro da própria verdade, as interpretações dos homens são diferentes.

Cada um de nós tem a sua personalidade. Devemos procurar livros de formação que condigam com ela.

Os livros espirituais devem ser lidos com o desejo sincero de tirar proveito da sua leitura, e, por conseguinte, com uma atitude da alma simples e confiante. Mas devemos conservar a liberdade dos filhos de Deus, intuição íntima que nos inclina ou afasta para certas coisas.

As almas não se santificam tôdas dentro dos mesmos moldes. Há certos princípios que são eternos e divinos; mas na sua aplicação podem diferir de alma para alma.

O desprendimento duma pessoa do mundo não poderá ser o mesmo duma religiosa.

Os deveres dos pais não são os mesmos dos filhos.

Na nossa virtude não deve existir nada de contrafeito e artificial.

Ser santo é viver na verdade. E' a harmonia plena e magnífica entre aquilo que se pensa e o nosso modo de proceder. Mas essa harmonia não se consegue sem esfôrço. A natureza tem defeitos que desviam da verdade; por isso a santidade exige abnegação. Temos de nos vencer a nós-mesmos para que a verdade triunfe!

O nosso ideal deve convir à nossa alma, como um vestido feito à medida do nosso corpo. Em geral, não nos ficam bem os vestidos alheios.

A santidade tem sempre o seu quê de original.

Devemos aproveitar das grandes almas o exemplo e dos bons escritores as idéias. Mas devemos ser santos à nossa maneira, segundo a graça de Deus e a vocação que d'Êle recebemos. Querer imitar servilmente a biografia dum santo, é um erro; como é um erro querer forçar o nosso espírito a seguir cegamente tôdas as directrizes dos livros.

Devemos ler autores variados e tomar contacto com diferentes espiritualidades, nos devemos ter os nossos livros para ler e reler, quando a experiência já nos mostrou que nos fazem bem. Não é ler muitos livros que nos santifica. E' assimilar bem e pôr em prática o que lemos, ao menos num livro.

Livros de distração

Uma leitura leve e agradável repousa o nosso espírito fatigado pelo trabalho ou atormentado de preocupações.

A escolha dos livros, quando o fim da nossa leitura é distrairmo-nos, deve obedecer a êsse fim.

Concerteza não iremos buscar para nos distrairmos em pesado tratado de filosofia!

A escolha dependerá, em parte, dos nossos gôstos pessoais. Há quem se distraia lendo romances e quem prefira narrativas de viagens; há quem faça as suas delícias dum livro humorístico e há quem gosta de enrêdos rocambolêscos... Há gente crescida e séria que em momentos de fadiga e aborrecimento se compraz na História da Carochinha ou da Branca de Neve... E outros que se distraiem a ler Virgílio ou Bossuet...

Mas visto o nosso fim ser descansar e distrair-mo-nos, é legítimo que procuremos um livro que nos repouse e distraia. Com uma condição: é que êsse livro não nos faça mal!

Não nos é permitido, com o pretexto de nos distrairmos, ler livros que perturbem a paz da nossa consciência, que nos ponham em tentação, que nos deminuam as nossas energias para bem cumprirmos os nossos deveres ou que cortem as azas ao nosso ideal. Nunca nos é permitido, seja sob que pretexto fôr, ler livros que nos prejudiquem.

Se um livro momentâneamente me distrai, mas desorienta a minha imaginação, devo pô-lo de lado.

Se um livro me diverte, mas me afasta do bom caminho, não tenho o direito de o ler.

Se um livro me agrada a ponto de me apaixonar, mas me deturpa o verdadeiro conceito da vida, não é um meio, é um obstáculo.

Um livro deve ser um amigo; e um verdadeiro amigo é aquêle que nos faz sempre bem.

Nas nossas leituras, feitas com a intenção de nos repousar e distrair, é justo e aconselhável que procuremos a alegria; mas lembremo-nos que nem tôda a alegria é sã e a má alegria acaba sempre por gerar a tristeza!

O ideal seria que as leituras distractivas tivessem também um fundo de bondade e utilidade.

Coccinelle

Fotos: MARTINEZ POZAL

Foto: CUBELES

Guida
RAPARIGA DE HOJE

NO quarto de Guida há um movimento desusado. Rosa, a criada, entra e sai e Guida procura nas gavetas peças de roupa e meias, que vai dispondo por ordem aos pés da cama.

Sôbre o "maple" de "moirée" côr de rosa, está estendido um lindo vestido em "taffetá" dum tom rosado, que se casará admiràvelmente com a pele macia e rosada de Guida.

Guida vai hoje à noite ao seu primeiro baile. As últimas semanas foram para Guida duma grande agitação e cheias de emoções.

Luís chegou da sua viagem aos Açôres e Madeira, e a sua primeira visita foi para casa dos Albuquerques, onde foi recebido com a maior amisade.

D. Elena, com a perspicácia das mães, já compreendeu a simpatia, senão já amor do jóvem guarda-marinha pela sua Guida. Ao princípio o seu coração de mãe apertou-se ao compreender que Guida correspondia a êsses sentimentos. É sempre para uma mãe, de sentimentos elevados e de alma bem formada, um momento doloroso, quando descobre que não é já seu o primeiro lugar no coração duma filha.

Mas, refletindo bem, pensou que Luís é um rapaz de futuro, de carácter, duma família sôbre todos os pontos de vista respeitável, e, acolhendo-o bem, pensa que prepara assim o futuro de Guida.

A pequena demonstrou tão ingenuamente a sua alegria durante a visita de Luís e ouviu tão atentamente as suas descrições do passeio ao Monte, no Funchal, da descida no cesto, das estradas floridas de hortenses, nos Açôres, da visita às Sete Cidades e às Furnas, interessou-se de tal forma pelos pormenores da vida de bordo, que só uma mãe que não desse atenção ao estado de espírito de sua filha, não sentiria que êsse rapaz não era para esta um indiferente.

Antes de partir para a província voltou ainda uma noite a passar o serão e trouxe a Maria Adelaide uma engraçada boneca vestida de "vilôa".

Em seguida veio o convite para o baile, oferecido por uma família das relações dos Albuquerques, que apresentava na sociedade a sua filha mais velha, e, além do convite, numa visita, mãe e filha vieram pedir para Guida fazer também a sua estreia na sociedade.

D. Elena hesitou; antes dos vinte anos não pensava levar Guida a bailes, mas a vida estava-se modificando de tal maneira e viu em Guida um tal desejo de ir, sobretudo depois que a sua amiga lhe dissera o nome dos rapazes convidados e entre êles o de Luís, camarada e amigo de seu irmão mais velho, que combinou com seu marido e dispuzeram as coisas de forma a que Guida fizesse a sua apresentação na sociedade.

Começaram as idas à Baixa e as compras, as provas na modista e mil coisas a tratar, fúteis e frívolas talvez, mas que têm o seu lugar na vida da mulher.

Porque se é ridícula a mulher que só pensa em "toilettes" e frivolidades, não é feminina aquela que descura o seu vestuário e apresentação, que se torna muitas vezes num desrespeito de si própria e dos que a rodeiam.

Chegara enfim o dia desejado, e, tudo em ordem, Guida esperava anciosa o momento de se vestir e de partir. Duas ou três vezes experimentara os sapatinhos de setim rosa. E quando depois de jantar se foi vestir estava radiante.

Ao aparecer na sala de estar onde o senhor Albuquerque e João Manuel, de casaca um e de "smoking" o outro, esperavam pelas senhoras, foi para ambos uma verdadeira surpresa.

Guida, de vestido comprido, mais alta porque os tacões dos sapatos de baile eram mais altos, estava uma linda rapariga, uma senhora.

O vestido, levemente decotado, mostrava o pescôço, que D. Elena tinha enfeitado com o seu colar de pequeninas pérolas, que usava em solteira. O cabêlo, penteado com a maior simplicidade, como de costume; e presos no ombro por um bonito alfinete, dois botões de rosa naturais, no tom do vestido.

O pai e o irmão ficaram suspensos, era uma outra Guida que lhes aparecia: o botão desabrochava em flôr. Estava uma senhora e linda. Ao ver a sua surpresa, Guida soltou uma risada e disse: — Parece que não me esperavam, estão tão admirados!

Maria Adelaide, que vinha atrás da irmã com o seu Tareco ao colo, explicou-lhe: — Acham que estás muito bonita, e eu também acho.

Quando D. Elena entrou, numa elegante e simples "toilette" de noite, Guida vestiu o casaquinho de pele branca, os homens os sobretudos, e a criada ao anunciar que estava o *taxi* à porta, partiram, depois de mil recomendações às criadas e a Maria Adelaide, que para ver as senhoras vestidas, se deitava mais tarde nessa noite.

Ao chegarem à sala de baile já se dansava, mas, apesar disso, fez uma certa sensação aquela rapariga tão fresca e simples, sem pinturas, e com a alegria e a ingenuidade espelhadas no lindo rosto.

D. Elena, que a seguia, viu-se envolvida por muitos rapazes que se dirigiam para Guida, convidando-a a dançar.

Entre êles vinha Luís, muito elegante no seu uniforme, que muito correctamente cumprimentou primeiro D. Elena e acompanhando-a a uma cadeira junto de senhoras amigas, se demorou um pouco.

Quando voltou a procurar Guida, já esta dansava com Chico, o irmão de Alda, que no seu palavriado moderno lhe dissera: — Você vem bestial, está formidável.

(Continua na página 12)

A MINHA CAIXA DE COSTURA

A minha caixa de costura é de forma rectangular forrada com uma chita às florzinhas, por dentro e por fora. Para dizer o que tem dentro eram precisas, pelo menos, umas quatro folhas de papel. Os objectos mais opostos encontram-se lá: uma tesoura, suja da cola dos trabalhos manuais, em cima dos restos mortais dum tecido qualquer, que servem, agora, de pregadeira de alfinetes, e outros tantos objectos nêste género.

A caixa custa a fechar!

Um dia, depois de me ter aborrecido, sem ter nada que fazer, peguei num livro, muito disposta a ler.

Mas, ainda não tinha passado duas páginas, ouço atrás de mim vozes, que conversavam baixinho.

Como vi que vinham da minha caixa de costura, apliquei o ouvido e fingi que lia. A tampa estava aberta, e lá dentro tudo em desordem, como de costume: um dedal, muito ferrugento, escondidinho atrás de uma borracha, que ali ficara por esquecimento, dizia com voz roufenha:

— Êste mundo é um martírio; aqui estou eu, (que nos meus tempos era considerado um utensílio indispensável à costura, guardado com mil cuidados) abandonado, roído de ferrugem e sem servir para nada, porque a minha dona, assim que a sua avó me ofereceu de presente, depois de agradecer e, ficando sózinha comigo, disse: — É pena eu não me saber servir do dedal; um dia que tenha paciência, hei-de experimentar!

Então uma tesoura, afiadinha e bonita, (a tal que está sempre suja de cola) respondeu-lhe com ares presumidos: — Olhe, pois a nossa dona, a mim, enche-me de amabilidades, serve-se de mim para tudo, e até já prometeu levar-me ao exame de trabalhos manuais! — e a tesourinha tossia, para mostrar importância e altivez.

— Que honra! — exclamaram todos. Mas nisto, viraram-se para consolar um desgraçado furador, que tinha sido partido ao meio, tal fôra a fúria com que se tinham servido dêle.

Eu também não ouvi mais, com bastante pena, porque nessa altura a minha irmã chamou-me!

Fiquei a magicar na conversa, e daí em diante, passei a limpar a ferrugem ao dedal, que rejuvesneceu, e colei, embora com custo, as duas partes do furador.

Parece-me que foi uma lição de moral, dada, sem querer, pelo meu rabugento dedal e pelos seus companheiros.

Isabel Maria Cottinelli Telmo
Centro n.º 3 — Lisboa

(Premiado no VI Salão de Educação Estética).

AS W. A. C. S.

"O Corpo de Exército Feminino" dos Estados Unidos da América, deixou de ser considerado fôrça Auxiliar.

Já não é apenas um apêndice do exército, mas faz parte integrante dêle. Nesta guerra total espera-se também a dedicação total dos cidadãos das Nações em luta, homens ou mulheres. Os homens são mobilisados, as mulheres, na América, ainda o não foram. São voluntárias, mas acorrem numerosas às fileiras. — Ao princípio vieram mais raparigas fúteis, na idéa que era elegante vestir farda e que se aproximavam dos seus namorados.

No 1.° aniversário da fundação do Corpo de Exército Feminino, as raparigas fizeram um enorme bolo com uma única vela

Mas retiraram desiludidas. Os trabalhos e estudos a que se sugeitam não são para cabeças ôcas, e muito menos para mãos de "veludo„: por exemplo esfregar o chão e limpesa geral do quartel. Não é para êste serviço, no entanto, que são destinadas, mas os seus superiores pensam, com razão, que uma mulher que deseja ser completa, para melhor servir o seu país, deve sujeitar-se, a princípio, a todos os trabalhos mais pesados, para na aceitação alegre dessa tarefa, dar prova real da sua vocação de — "servir" — São estas raparigas e senhoras treinadas em marchas e exercícios de parada, mas é êsse também, um fim secundário da sua instrução, feito apenas para lhes dar a disciplina e espírito de grupo de que necessitam. São instruidas para tomarem, na rectaguarda, logares de administração, de arquivistas, dactilógrafas, telefonistas, telegrafistas, para trabalhos de radiografia, exames de sangue e muitas outras ocupações, que libertam assim homens para a guerra pròpriamente dita. Têm também a responsabilidade de ocuparem na Aviação militar as funções de electricistas, mecânicos de rádio, meteorologistas, etc.

As W. A. C. S. (oficiais) ao desembarcarem no Norte de África são saúdadas pelas autoridades militares francesas

Já passaram pelos campos de instrução mais de 40.000 W. A. C. S. que estão desempenhando os seus logar em vá-rias partes do mundo. — São comandadas por oficiais também mulheres, mas os comandos superiores são exercidos por homens. Há uma escola para oficiais e várias outras com cursos de 8 semanas para se especialisarem, se quizerem, em transportes motorizados, administração, rádio ou cosinha.

Os exames de admissão para oficiais são dificílimos! Das centenas de senhoras que se vêem aqui, só foram admitidas na proporção de uma para seis

Têm imenso brio, diz o seu chefe o coronel Frank Mc Coskrie, são raramente apanhadas em falta, mas se o são, nunca tem de castigar duas vezes a mesma rapariga. Ao contrário de muitos "galuchos", ficam envergonhadas e prefeririam qualquer cataclismo a passar segunda vez pelo mesmo vexame. Êsse castigo consiste, em geral, em serem mandadas fazer, ostensivamente *sós*, a limpesa dum dormitório e esfregar um enorme corredor do quartel. Chamam a êsse trabalho "fadiga", pois ficam exaustas no fim.

O toque de alvorada é às 6,30 horas, o toque de recolher às 5 horas da tarde. A seguir à refeição que tomam a essa hora, ficam livres para coser, ler, escrever e lavar a roupa.

Os motivos que levam estas raparigas a alistarem-se, são, antes de mais nada, o patriotismo, depois o julgarem aproximar-se assim moralmente, dos seus pais, irmãos, noivos ou maridos, ausentes na guerra, e em último logar o espírito de aventura. Êste motivo é no entanto o que menos raparigas chama. Atrai êsse pequeno grupo as longas viagens por mar e os postos situados no centro de ilhas selvagens cobertas de vegetação luxuriante!... É uma questão de imaginação, mas depois de lá se estar não é dela que se precisa, mas de coragem, resignação e fôrça física para suportar tão dura vida.

Julgam alguns que a aproximação de homens e mulheres num quartel, é prejudicial, mas na verdade, é que não têm muita ocasião para namorar, nem desejo disso, pois que existem apenas desoito oficiais e oitenta e um empregados, para um regimento de 11.000 mulheres... Um dêles, era um militarão rude que detestava a idéa de raparigas de uniforme e que nunca perdia a ocasião de o mostrar.

Permitem às W. A. C. S. terem um retrato pregado à cabeceira da cama. No dia em que o comandante fez inspecção geral ao quartel, com êsse oficial, notou com estranhesa, ao princípio e depois com imensa vontade de rir, que à cabeceira de tôdas as raparigas estava o retrato do oficial rabugento. Êste ia-se tornando cada vez mais corado, mas não disse coisa alguma. No entanto ao vêr-se só com o seu chefe perguntou "meu coronel, o que queria aquilo

dizer?„ "Evidentemente que as raparigas lhe são tôdas muito afeiçoadas. É um dêstes casos de entusiasmo colectivo„ respondeu o coronel muito sério. O rabugento retirou coçando a cabeça, mas dias depois pedia para ser transferido para outro posto. Decedidamente não se entendia com raparigas... As W. A. C. S. sem faltar da disciplina, conseguiram assim verem-se livres dum oficial desagradável!

Não gostam de ser amimadas, nem que se dê atenção às suas fraquezas de mulher. O Coronel levou algum tempo a perceber isto. Quando ralha sabe que choram, em geral, mas finge não vêr e se alguma, pelo estado de nervos em que se encontra, desmaia, chama outras que a levam. Sentir-se-ia humilhada se voltasse a si em frente do seu chefe.

Têm imenso gosto no seu "rancho„ sempre corinhado a primor e apresentado com uma certa elegância, ao contrário do que acontece nos quarteis de homens.

Ao principio poucas se queriam especialisar em cosinha, mas desde que lhes fizeram compreender que essa profissão é uma das mais importantes, pois que homens e mulheres, mal alimentados, não terão energia para continuar a dar um grande esfôrço, são inumeras as cosinheiras. O seu grupo destaca-se em parada, não só pelos seus uniformes brancos engomados, mas pelo aprumo com que se apresentam.

Muitas destas senhoras vão para alí "servir", no intuito de substituirem, tanto quanto possíxel os seus maridos ou filhos caídos no campo da honra. — Estando há pouco um general, veterano das Filipinas, a passar revista a um regimento de W. A. C. S. parou intrigado em frente dum alferes, na mais correta posição de sentido. Parece que a conheço, disse. "Sim, meu general, sou Mary Jane. A mulher de Tom, seu oficial às ordens "Ah, já sei, foi obrigada a vir no último navio que saíu de Manilla. Mas não sabe que êle e o meu genro...„ Sei, meu general... os seus olhos, cheios de lágrimas, diziam o resto. Gostava de lhe apertar a mão, disse o general, custando-lhe a falar, seria uma honra para mim... E seguiu a inspecção.

Esperemos, do mais fundo do coração, que nunca, na nossa terra seja preciso um regimento de mulheres, mas se o fôr, quero crer que o espírito, que o anime, não seja inferior ao das W. A. C. S.

Teriamos, no entanto, que aprender na triste experiência dos outros, as lições, que só a desgraça dá.

FRANCISCA D'ASSIS

GUIDA, RAPARIGA DE HOJE

(Continuação da página 10)

Guida sorrira e aceitara dansar, mas um pouco contrariada, pois sonhara que o seu primeiro par seria Luís.

A sala estava linda, muitas raparigas com bonitas *toilettes* e senhoras elegantemente vestidas.

Os donos da casa, de esmerada educação, ainda são dos que não esquecem os pais quando convidam os filhos.

Suzana, a filha dos donos da casa, tôda vestida de branco, com o seu cabelo negro em caracóis, formava um gentil contraste com Guida, e as duas estreantes pode dizer-se que tiveram as honras da noite. Os pares não as deixaram descansar.

D. Elena reparou que Luís dansou três vezes a seguir com Guida e chamando-a disfarçadamente disse-lhe:

— Não te faças notar e aceita outros pares. Já dansaste umas poucas de vezes com Luís.

Guida còrou e respondeu:

— Ninguém repara, mãe, agora as raparigas trazem o seu par e dansam sempre com êle; é à inglêsa.

— Mas como somos portuguesas peço-te que o não faças.

Guida obedeceu e só mais três vezes dansou com Luís, entremeando com outros pares. Luís, quando não dansava com ela, observava-a e sentia-se encantado com a sua graça e beleza, mas um pouco despeitado de a ver tão admirada e tão rodeada por todos os rapazes presentes. Não lhe parecia a mesma Guida das tardes de "tennis" na quinta, mas já uma mulher com todo o seu encanto e mistério.

Num canto da sala dava-se uma cena que entretinha e divertia as senhoras que observavam. Alda, muito decotada para a sua idade e muito pintada, estava dum mau humor visível e o noivo, com quem casaria de ali a dias, com o mesmo sorriso e amabilidades do costume fazia uma verdadeira barreira aos rapazes que se aproximavam. Dansaram os dois umas vezes, mas êle não era um dansarino exímio e Alda, que considerava a dança como um elemento da sua felicidade, começa a sentir que naquela prontidão em lhe obedecer o noivo, que tanto a seduziu, há talvez uma premeditada idéa de fazer também o que êle entende e quer, e dois vincos na testa marcam o seu descontentamento.

D. Elena observava o que se passava e pensava que se não enganara a primeira vez que encontrara os estranhos noivos.

Ás três horas da madrugada o Snr. Albuquerque e D. Elena, que não concordam com o hábito de ir de manhã para casa, fizeram sinal a Guida que risonha acabava de dançar e apresentaram as suas despedidas, com grande protesto das damas da casa e da gente nova.

D. Elena notou que Guida não insistia para ficar e no carro preguntou:

— Então filha, divertiste-te muito?

— Diverti mãi, disse a pequena, mas pensei que me divertiria mais num baile.

Ao deitar-se Guida sentiu que a sua alma e o seu coração não estavam serenos como habitualmente. Custou-lhe a adormecer, via a sua volta tudo andar à roda e as caras dos seus pares. Via os olhares acerados de algumas raparigas que não tinham visto com bons olhos o seu triunfo. Ouvia as amabilidades que lhe dirigiam, entre elas alguns galanteios que achara descabidos, e, sobretudo, via a cara preocupada de Luís que não tinha tido a alegria reclamada e lhe dissera:

— Sabe, Guida, esta barafunda faz-me saüdades das tardes na quinta, quando procuravamos ver o sol no mar, ao esconder-se o raio verde, que traz felicidade.

Ao descalçar-se notara que os seus sapatinhos côr de rosa tinham vincos escuros dos pés que por eles roçaram e que a borda do seu vestido também estava enxovalhada e pensou que estas festas deixam um certo mal estar nas coisas e pessoas.

Na tarde seguinte, Luz e Joaninha, que não tinham ido ao baile, vieram saber as suas impressões.

— Olha, Luz, tens razão de não gostar de bailes e não querer ir a eles. Diverti-me, mas parecia-me que era outra rapariga que via dançar e rir.

— Não tiveste nenhum par que te agradasse, disse sorrindo a bondosa Joaninha, alguém que te lembre vastos horisontes?

Guida corou e respondeu:

— Tive sim, mas sabem? parecia-me também outra pessoa. O barulho, aquela rapaziada em volta, dava-me a impressão duma barreira dificil de transpor e não me diverti como costumo, com tôda a minha alma e o meu coração.

— Não me admira nada, disse Luz, eu sempre embirrei com bailes e lembro ainda os bailes infantis onde me levavam mascarada, quando eu era pequena, e não me deixaram saüdades.

— Eu nunca fui a bailes, disse a tímida Joaninha, parece-me que me sentiria mal.

— Sabem a minha impressão? respondeu Guida. E' que a felicidade não vem de vestidos bonitos nem de muita gente e barulho.

Tôdas concordaram que não faziam da vida mundana o seu ideal. Luz e Joaninha atraídas pelo estudo, Guida por um ideal que não se atrevia a concretisar em palavras, nem mesmo às suas amigas mais íntimas.

Maria d'Eça

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

(Desenho de GUIDA OTOLLINI)

UMA FAMILIA PORTUGUESA

(Continuação)

Helena passara tôda a noite sem dormir. Uma sensação nova, deliciosa e terrivel a um tempo, enchia o seu coração. E a figura esbelta do lindo Boris não lhe saía da memória...

Francisca, na cama ao lado da sua, dormia calmamente; e, quando a mãe veio, ela própria, trazer-lhes ao quarto o leite da manhã, tendo-as deixado dormir até tarde, Helena exclamou, abraçando-a com fôrça:

— Oh Mãe, que festa esplêndida!

D. Maria da Luz, sorriu, contente:

— Ainda bem, filhinha!

—Eu massei-me tanto! — suspirou Francisca.

— Não admira — tornou Helena — porque tu detestas dançar! Eu adoro... — concluiu, cismática.

D. Maria da Luz estranhou a intensidade da declaração.

— Adoras, Helena?!! que expressão imprópria, minha filha! E, conta lá, com quem dançaste?

— Com êles todos, Mãe; e também com o tal russo — respondeu Helena, enfiando a cara na grande chicara de leite.

— Lembra-te, Helena, que a tropa tôda vem cá hoje para irmos à Giesteira! — exclamou Francisca, erguendo-se depressa.

Pouco depois da 1 hora chegaram as Santos, escoltadas pelo russo e o grupo das Britos e das Cunhas. Boris, com a finura dum diplomata, dirigiu-se a Pedro, dizendo:

— Apresente-me a sua mãe, sim?

E, curvado, beijou a mão de D. Maria da Luz com o maior respeito.

— A Giesteira não é longe; podemos ir a pé — propôs Hugo.

E logo Lisette:

— Vamos pelo pinhal, é esplêndido!

E, através do pinhal, com cêstos de merenda, lá foi a caravana tôda, conversando e rindo.

— Vais tão calada, Suzette! — observou Helena — Não achas lindo êste pinhal?

— Para dizer a verdade, acho todos os pinhais iguais uns aos outros; mais pinheiro, menos pinheiro... — e Suzette encolheu os ombros.

Francisca indignou-se:

— O teu grande defeito, (e para ti é que êle é pior) é não procurares o lado interessante das coisas!

— Qual é o seu ideal, Suzette? — preguntou Joaquim.

Suzette respondeu com veemência:

— O meu ideal? (Se é que o tenho)... É a vida que se vê no cinema! É no «écran» que palpita a verdadeira vida, a alegria, o amor, tudo!

Foi uma indignação geral. E o próprio Pedro entrou na conversa para observar:

— Mas, isso é tudo artificial, Suzette! É o fingimento da verdadeira Vida!

— Qual — tornou Suzette — os ideais de vocês é que são mesquinhos, todos êles.

Helena exclamou, indignada:

— Chamas ideais mesquinhos à vida do espírito, do coração, da alma?!

Boris interveiu, com doçura:

— Falam tôdas da Vida como se pudessem conhecê-la... — e sorria, enigmático, a um sonho longínquo...

Chegaram, enfim, à Giesteira.

Era um vasto parque verdejante, no meio do qual se erguiam as mais modelares instalações para a população operária. As casas modestas, mas lindas, o «club» com salas de leitura e recreio, a biblioteca, cheia de livros e ilustrações, a capela, simples e devota, o restaurante com mesas de toalhas garridas, o armazém onde as coisas tôdas se compravam, a baixos preços, os campos de jogos e ginástica, tudo, enfim, que podia ser útil, são e agradável àqueles milhares de operários e suas familias.

— É formidável! — declarou Boris, falando com os rapazes.

— Aqui é impossivel o comunismo?! — acrescentou.

— Impossivel não é; mas absurdo e revoltante é com certeza — respondeu Pedro, com energia.

— Gostava de visitar a fábrica — tornou Boris — dão-me licença?

E, sem esperar que o acompanhassem, o russo dirigiu-se, apressado, a um grupo de homens que estavam perto do portão da fábrica.

Quando, uma hora depois, voltou para junto do rancho, que estivera merendando num campo fora do parque, o entusiasmo com que falou encantou as raparigas.

Mas o regresso à aldeia não foi alegre. Havia no rancho todo um mal-estar inexplicável e vago... Só Helena, com o coração palpitante ao lado de Boris, e Lisette, enlevada na conversa de Hugo, iam radiantes, alheias a tudo!

E quando, à porta da Casa do Pinheiro, se dispersaram uns e outros, Boris murmurou a Helena, beijando-lhe a mão com fervor:

— Até breve, minha Lena...

Helena, louca de alegria, correu para o seu quarto a chorar de comoção.

XI

Helena considerava-se noiva de Boris, que fôra pedi-la simplesmente a D. Maria da Luz, enquanto, dizia êle, não vinha a carta da sua irmã, condessa de Karobine: pois era orfão de pai e mãe.

D. Maria da Luz tentou reagir, pois nada lhe agradava a entrada dum estrangeiro na familia.

— Helena é nova demais para ficar noiva — concluia sempre a mãe, além de outros argumentos.

Mas as lágrimas de Helena venceram onde deveria antes vencer o bom senso. O primo Esteves quando soube a noticia enfureceu-se deveras:

— Dar a Lena a um russo desconhecido quando o Nuno morre por ela! E' uma loucura! E' uma loucura — gritava êle, passeando na sala, com os bigodes eriçados e os braços abertos.

— As pessoas que não conhecemos começam sempre por ser desconhecidas, primo Francisco — respondeu Helena — Sinto-me tão feliz!

E Boris partira para Lisboa a preparar tudo, conforme êle dizia, para se casarem em Janeiro.

Helena, apaixonada sinceramente, passava horas escrevendo ao noivo ou lendo as suas longas e ternas cartas de amor.

....

O senhor Santos, resolvera, de acôrdo com o Prior, fundar na aldeia a Casa dos Pobres; e ia agora inaugurar-se a Crèche e o Dispensário, obras que faziam parte dum conjunto maravilhoso: haveria, num futuro próximo, a Maternidade, a Nova Escola, o Recreatório e o Hospital!

O Prior estava radiante; e reconhecia no bom banqueiro tão nobres qualidades que faziam esquecer os seus ridículos. Lisette transformara-se completamente; e ensinada por Hugo era já uma óptima catequista, ajudando as outras raparigas em todos os trabalhos.

Ao contrário da irmã, Suzette mostrava-se indiferente à vida social da aldeia; e o seu egoismo só a deixava ligar-se com Carolina de Brito, cujo feitio era diferente das suas irmãs e amigas.

— Estou fartissima de viver aqui; isto não é vida — declarou Suzette a Carolina, uma tarde — Tenho já tantas saüdades

dos cinemas e dos «dancings» que vou pedir ao papá para me deixar ir estar em Lisboa em casa duma tia, irmã da mamã e riquíssima!

Que nu dizes do casamento da Helena?

— Um disparate de marca, Suzette.

— Também acho. O Boris não é para ela...

— O que admira é a tia consentir!

Suzette ficou pensativa.

— Já vieram os papéis da tal irmã com o pedido? — tornou Carolina, curiosa.

— Não veio nada. E ontem êle escreveu ao papá a dizer que não tinha notícias da irmã há que tempos, a tal condessa não sei de quê...

— Olha lá, Suzette, tu gostas do Boris, não é verdade?

Suzette encolheu os ombros, irritada.

— Porque não arranjas um sarilho qualquer?...

— Um sarilho?!

— Sim, uma intriga que desmanche o casamento. Olha, não te lembras daquela fita que passou há dois anos em Lisboa em que havia uma história assim?... Era com a Joan Crawford!

Suzette lembrava-se.

— Só com uma cartinha mandada à noiva, ficou tudo em águas de bacalhau. E nunca se descobriu quem fez aquilo tudo! Queres que te ajude? Escrevemos as duas uma carta bem combinada, e tu verás!

— A questão é a letra não se conhecer...

— Eu tenho um geitão para isso. Quando estava no colégio, fazia às vezes as composições das outras e imitava a letra delas na perfeição.

— Depois manda-se essa carta à Helena, com um bilhete anônimo a dizer: «uma amiga que a vê iludida por um homem suspeito», etc! Se a Helena se convencer que êle gosta doutra, rompe logo com êle...

Dali a dois dias inaugurava-se a Crèche e o Dispensário sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade; e reinava grande alegria na aldeia. A Creche, tôda branca, tôda cheia de flores e regorgitando de crianças, tinha um aspecto encantador; e o Dispensário, com a sua farmácia bem fornecida e as instalações precisas para acudir às criancinhas doentes, era um verdadeiro modêlo.

— Francisca, onde estás tu? — chamou Helena à porta da Crèche, onde Francisca arranjava as últimas flores.

— Que tens, Lena? Porque estás tão pálida?

— Vem cá depressa, Chica, tenho de te mostrar esta carta que recebi agora.

Mas Francisca não poude atendê-la. O Prior, de sotaina nova, reclamava a sua presença ao pé das Irmãs Doroteas, que vinham também assistir à sessão solene. E Helena, sem pachorra para a alegre festa, voltou para casa a correr.

D. Maria da Luz viu-a chegar e espantou-se daquela corrida insólita, daquela expressão desesperada.

— O que é, Lena?! Que tens tu?!

Helena nada respondia; mas a mãe, tirando-lhe uma carta da mão, percorreu com a vista o ignóbil papel que rasgou em mil bocadinhos.

— Que porcarias são estas em que estás metida, Helena?!

Helena desatou a chorar e gemeu:

— Recebi essa carta pelo correio, Mãe. O Boris gosta doutra mulher! Que horror!

— Helena, não estás em ti há meses. E chego quási a gostar que viesse essa carta para ver se tu voltas a ser a nossa Helena antiga, tão alegre, tão simples!

Mas nêsse momento bateram à porta com fôrça; e, como os criados tinham ido para a festa, D. Maria da Luz foi abrir a porta ao primo Esteves. Vinha de sobrôlho carregado.

— Ah, estás aí, Lenita? Ainda bem. Eu sempre disse que isto de gente equivoca era bom nunca se conhecer. Eu sempre disse...

— O que há, primo? — atalhou D. Maria da Luz.

O primo Esteves trazia na mão um jornal de Lisboa.

— Há isto, façam favor de ler.

Helena, chorosa, encostara-se à mãe e D. Maria da Luz leu:

«Foi prêso quando embarcava clandestinamente para o Brasil, e deu entrada no Limoeiro, um russo de nome...»

— Boris! — gritou Helena.

— Tão tolo não é êle — respondeu o primo Esteves.

— Lê e verás!

D. Maria da Luz continuou a ler: «Wladimir Feodor conhecido agitador comunista que há meses se encontrava em Portugal, vindo de Espanha para transmitir ordens soviéticas aos diferentes centros vermelhos. Ainda há pouco tempo entrou em comunicação directa com um contra-mestre da Fábrica da Giesteira; e o seu descaramento é tal que, iludindo as pessoas que o freqüentavam e tomando o nome de Boris, pediu em casamento uma menina da família mais importante de Leiria. Não contava êle...»

— Basta! Basta! — chorava Helena abraçada à mãe.

(Continua)

MARIA VAI CASAR

Maria cosia junto à irmã.

— Na verdade, Marta, eu adoro crianças, tu bem o sabes; mas Deus permita que...

— Que quê? — preguntou Marta com vivacidade.

— Que não suceda o que te sucedeu a ti, coitada: um ano depois de casada, logo o bébé a transtornar tudo.

— Transtornar! — exclamou Marta, indignada.

— Não podes negá-lo, Marta: desistiram da viagem à Itália, tomaram outra criada, tiveram milhentas despêsas...

Marta sorriu e disse:

— Como tudo isso pesou pouco, Maria, perante a louca felicidade de ter a nossa pequenina!

Maria muito séria, tornou:

— Ah não, Marta, não me digas que são bons os filhos nos primeiros tempos de casada; isso não, porque...

Mas a irmã cortou:

— Olha, Maria, nem te deixo continuar a dizer autênticos disparates. Os filhos são sempre, ouviste? uma bênção do Céu! Uma graça de Deus! Uma alegria no lar!

— Mas...

— Não há «mas» nenhum, queridinha, podes crêr! E a mulher que não deseja tê-los... melhor fará em ficar solteira.

— Mas há casais felicíssimos que não têm filhos!

— E sabes tu a pena que êsse facto lhes faz?

Pois, se queres que te diga, acho isso uma estranha anormalidade. Na vida tudo o que é normal, simples, natural, é o que *deve ser*; e se o homem e a mulher querem constituir um lar, e um lar cristão, os filhos serão o complemento da sua felicidade conjugal. Há porventura alguma coisa superior à beleza duma família numerosa e unida? Muitos filhos, muita alegria...

— Não te contentas em achar bem um filho ou dois: falas já numa tropa dêles!

Marta riu com gôsto.

— Eu por ora tenho dois: mas quem me dera ver seis ou sete à roda da nossa mesa!

— Não sinto ainda vibrar em mim essa corda — disse Maria, desconsolada.

— Pois convence-te bem, Maria, que o amor dos filhos é o laço mais apertado que une o marido à mulher...

E Marta calou-se, pensativa.

Os filhos são sempre uma alegria no lar! (foto: MANFREDO)

Sagres tem saüdades do Infante

SAGRES, a vila legendária do Infante.

O carro parou em frente da Fortaleza. Apressei-me a descer e a percorrer tôda a cidadela em romagem piedosa e cheia de carinho para assim relembrar, uma por uma, tôdas as alegrias, tristezas, lágrimas e angústias de que fôra teatro o pequeno lugar, onde o grande iniciador das nossas descobertas e conquistas de além-mar, o Infante D. Henrique, vivera, sentira e realizara o sonho que o prendera.

À medida que visitava os lugares onde o filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre havia passado quási tôda a vida: a sua casa em completa ruína, a capelinha mal cuidada e suja, a fortaleza de muros desmoronados — tão silencioso tudo! — parecia-me ouvir chorar baixinho a sua morte.

Ia-se-me a alma enchendo de melancolia e não pude deixar de murmurar: «Sagres tem saüdades do Infante» Sim!... Devia tê-las, e bem amargas, daquele homem forte de corpo e alma, rosto queimado pelo sol de África e pela brisa marítima, carrancudo, que do alto do promontório contemplava o mar, como a exigir-lhe uma resposta contínua e imediata às suas sempre crescentes e inúmeras preguntas.

Havia-se rodeado ali uma pequena côrte de homens sábios e marinheiros. Animados seriam os lugares, as praias, os caminhos. A erva não crescia como agora, calcada por tantos pés, e o ar encher-se-ia de canções dos mareantes, ao passo que hoje só a canção monótona das ondas batendo lá em baixo nos rochedos se ouve. Àquelas próprias pedras êle havia preguntado o que lhe revelavam as marés; às algas, aos peixes que passavam ao largo, a tudo o que vinha dar à costa, desejava poder interrogar para saber donde vinham, ou para onde navegavam. Por vezes o vento zumbindo atirava-lhe gargalhadas sarcásticas como a dizer-lhe da sua loucura em querer profundar o ignoto.

Mas nada o demovia; a sua divisa era «Mais Alto e Mais Além», e quando escrevia abreviadamente o seu nome e título lá estava I. D. A. «*Infante Don Anrique*.»

Dizem que se alimentava como um marujo. Vestia capote de burel, usava um chapéu de abas grandes atado com fitas largas debaixo do queixo, a-fim-de o salvar do vento, calçava como um pescador e dormia num catre duro.

Assim recordando olhei em redor. A própria natureza parecia-me agora ter herdado a seriedade do Infante. Do alto da rocha avistei pequenas embarcações de velas inchadas e vermelhas que me pareciam fantasmas das antigas naus.

Anoitecia... O mar, batendo lá em baixo nos rochedos e ao entrar pelas grutas e cavernas, relembrava numa viva saüdade Aquêle que fôra Grande entre os Grandes e que num arrôjo inconcebível lhe havia arrancado, um por um, segredos que êle avaramente guardara... E se uma estátua, como farol, brilhasse em Sagres para acalmar saüdades, para impôr respeito às ondas?

«Uma Louletana»

Vanguardista N.º 24.902 — Liceu João de Deus — Centro N.º 1

MARIA CURIE

PELA estrada poeirenta corria veloz um automóvel a caminho de Verdum. O combate tinha sido violento e muitos feridos necessitavam de socôrro. A mulher que ia ao volante não queria perder tempo. Tinha uma sagrada missão a cumprir: a de salvar os feridos caídos no campo da batalha, em defêsa da sua Pátria.

O seu «Renault» fôra transformado numa ambulância radiológica e muitos mais, semelhantes a êste, rodavam através do país, pelos lugares onde a luta era mais renhida, na nobre tarefa de salvar os que não tinham tombado para sempre.

Estas ambulâncias eram chamadas «os pequenos Curies» porque tinham tido por fundadora essa mulher extraordinária — Maria Curie — que levou tôda a existência a procurar o bem da humanidade.

Num dia de Agosto, no comêço da guerra, uma mulher, simplesmente vestida, apresentou-se na Assembleia Geral da União das Mulheres da França. Aí, ela expusera o seu projecto: montar ambulâncias radiológicas que levassem a vida a muitos. Tôdas conheciam essa mulher simples, tôdas sabiam que era Maria Curie. Puseram-se logo à disposição dela, mas o que deram era pouco, muito pouco. Precisava-se de mais. E Maria Curie, vencendo a sua modéstia, pede a ricos e remediados automóveis e dinheiro. Todos a ajudam... Os carros vão aparecendo e agora são às dezenas êsses emissários da felicidade, da vida...

Enquanto guiava, ela recordava talvez: a infância decorrida na sua querida terra natal, a Polónia, essa pobre nação vítima de constantes vicissitudes; o seu desejo de vir estudar para Paris, os sacrifícios feitos para isso; a sua vida de trabalho, estudo e luta na capital francesa; os triunfos alcançados na Sourbone, onde se formara em Matemática, Física e Química; Pierre Curie, o companheiro inesquecível e tão amado que compartilhara das suas aspirações, a ajudara sempre nas suas pesquisas e em tudo, tudo; recordava a descoberta do Radio, o elemento precioso que tantos benefícios trouxe aos homens; enfim, o que obtivera com as suas descobertas, mercê das quais ganhara o prémio Nobel tão difícil de alcançar, e que ela, na sua humildade e modéstia, não queria aceitar. Maria Curie trabalhava, não para receber honras e glórias, mas para ser útil.

E agora ali ia, cansada de tanto trabalhar e servir, não se importando de percorrer estradas e mais estradas para aliviar dores e arrancar das trágicas mãos da morte tantos e tantos infelizes.

Chega a Verdum. Não repousa um momento. Dirige-se para uma enfermaria, monta a aparelhagem radiológica e, perante ela, desfila um cortejo de desgraçados. Maria Curie observa-os, localiza balas, manda-as extraír e fazer operações imediatas; isto tudo durante horas seguidas até de madrugada. Não descansa, não come, na ânsia de minorar sofrimentos e salvar vidas.

Era assim Maria Curie: uma alma de eleição. Boa, terna, caritativa, tôda entregue a um sonho nobre e belo, guiada por aspirações elevadas que visavam um nobre ideal: o benefício da humanidade. Foi a esta mulher prodigiosa que a Améeica, em 1921, prestou uma homenagem comovente, testemunho de todo o reconhecimento, respeito e admiração que inundava o coração de milhares de seres que compreendiam quanto era sublime a vida daquela fiel servidora da Ciência...

Maria Manuela Freichler Knopfli

Centro N.º 1 — Liceu Infanta D. Maria

(Soluções da página 5)

I — Algarve
II — Porta da Casa do Capítulo do Mosteiro da Batalha onde se encontra o túmulo do «Soldado Desconhecido»
III — Teixeira Lopes
IV — Mosteiro dos Jerónimos
V — Morgadinha dos Canaviais, de Júlio Dinis
VI — Castelo de Almourol

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS